

## A TRADIÇÃO DISCURSIVA DA REZA DE CURADO OLHADO

Danielle Gomes do Nascimento (UFPB)  
danielllegy@yahoo.com.br

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é apresentar, a partir das Tradições Discursivas, as mudanças e permanências da reza de cura do olhado. Nesse trabalho têm-se como referência as rezas populares de cura da região itabianense, interior da Paraíba. Como esta pesquisa tem uma abordagem diacrônica será feita uma análise comparativa com as rezas de Portugal. Percebe-se que esta tradição é bastante conservadora se observarmos pela contexto religioso. Entretanto, a tradição das rezas apresenta algumas mudanças e variações, que por sua vez estão atreladas a marcas da oralidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** rezas de cura, Tradições Discursivas, diacronia

**ABSTRACT:** The aim of this paper is to present, from the discursive traditions, changes and continuities of prayer's healing eye. In this work we have as a reference the popular healing prayers itabianense the region, interior of Paraíba. As this research is a diachronic approach is a comparative analysis with the prayers of Portugal. It is perceived that this tradition is very conservative if we look at the religious context. However, the tradition of prayers has some changes and variations, which in turn are linked to marks of orality.

**KEYWORDS:** healing prayers, Discursive Traditions, diachrony

### INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto que a cultura portuguesa é uma das principais responsáveis pela proliferação e divulgação dos textos orais e escritos no Brasil, bem como a imposição da cultura letrada sobre os colonizados, há de concordar que são grandes as influências lusitanas sobre nossa cultura. Referindo-se à tradição oral das rezas populares, os aspectos estruturais e semântico-discursivos relacionadas à tradição das rezas portuguesas foram suficientes para ocorrer algumas mudanças, tendo em vista a grande influência étnica e religiosa portuguesa que o Brasil recebeu. Entretanto, se tomarmos como ponto inicial o aspecto fundante das rezas, desde a época mítica, haveria com certeza muitas mudanças sobre o gênero rezas, uma vez que o gênero desmembrou-se em várias subcategorias de acordo com os fins sociais, culturais e

históricos das sociedades que foram se constituindo ao longo do tempo. Como a abordagem das Tradições Discursivas requer um aprofundamento do contexto histórico e social, é preciso muitas vezes ir além do contexto local para entender determinadas práticas sociais das rezadeiras. Nesse sentido, será feita uma pequena explanação do processo de variação e mudanças das rezas itabaianenses, tendo como apoio as rezas portuguesas.

## 1 - O PROCESSO DE MUDANÇA E PERMANÊNCIA DA TRADIÇÃO NA PERSPECTIVA DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS

Em relação às mudanças dos textos, Simões<sup>1</sup> (2007) utiliza algumas figuras para representar as transformações pelas quais ou gêneros passam ou passaram em um determinado período de tempo. Os modelos dessas figuras foram propostos por Koch (1997) para representar a idéia de nem sempre os textos ou discursos se apresentam de forma fixa e linear:

Figura 1

O continuo de filiação das Tradições Discursivas (Cf. Koch, 1997, p.60)

A B C D

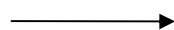
B C D E

C D E F

D E F G

E F G H

.....



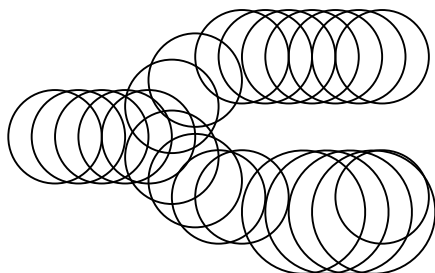
A partir da figura acima percebe-se que o texto ou discurso de uma tradição está apto a transformar-se, de forma que podem tanto conservar os elementos textuais e linguísticos quanto acrescentar novos elementos no decorrer do tempo. Em relação às rezas populares, os traços de conservação são superiores aos de mudança, tendo em vista que o gênero em estudo está preso a uma tradição religiosa bastante conservadora em todos os seus aspectos. Porém, se tomarmos como exemplo o ponto inicial das rezas desde a época mítica, percebemos que a tradição oral

<sup>1</sup> José Simões, pesquisador do PHPB e também das TDs apresenta em “Tradições Discursivas e organização de corpora” figuras idealizadas por Koch que representam as mudanças dos gêneros textuais no tempo.

das “rezas” sofreu mudanças em seu aspecto formal, linguístico e discursivo-pragmático. Nesse aspecto, poderemos representar as mudanças utilizando a seguinte figura representativa:

Figura 2

A inovação das tradições discursivas pela inovação ( cf. Koch, p. 66).

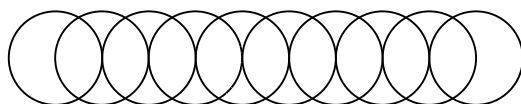


A figura acima foi usada por Simões para representar a inovação onde ocorre a diferenciação de tradições culturais, se referindo ao gênero *aviso* que acabou se dividindo em duas novas correntes: *a notícia e o romance epistolar*. No caso das rezas, se observarmos pelo contexto fundante, tem-se no início do aspiral a representação da época mítica, que designa no sentido primeiro da palavra, clamor, pedido e diálogo com os deuses. Com o passar da época, as rezas tenderam a se especificar e a ganhar novas denominações, utilidades e características diferenciadas, dependendo da religião ou da cultura ao qual o indivíduo estivesse inserido, conforme está representado pela abertura do aspiral. Para Simões (2007) a inovação acontece através da diferenciação de tradições culturais, quando, por exemplo, um determinado gênero discursivo se divide em dois ou mais subgêneros. No caso das rezas, a inovação aconteceu a partir da Idade Média quando as sociedades foram delimitando os espaços religiosos e desenvolvendo diferentes concepções religiosas e culturais entre as sociedades subsequentes.

Se tivermos como ponto de partida o contexto português, às mudanças não foram grandes. As mudanças que ocorreram mais no aspecto linguístico do que textual. Sobre os aspectos linguísticos, as evidências estão no campo da oralidade. Usando um desenho, também utilizado por Simões para representar as mudanças ocorridas no gênero cartas, nos ajuda a constatar as mudanças que aconteceram nas rezas de cura. Vejamos através de uma figura, a representação das variações linguísticas que ocorrem na tradição das rezas ao longo do tempo:

Figura 3

Representação das mudanças ocorridas no gênero cartas. Simões (2007)



No caso das rezas, como as mudanças aconteceram mais no campo da oralidade, a figura manteve-se em sua forma linear, não havendo nenhum desmembramento do gênero textual, ou seja, o gênero conservou seu aspecto comunicativo e social da mesma forma que existia e existe em Portugal. Afirmar que as mudanças acontecem no campo da oralidade é dizer que a incidência das modificações reside na substituição de alguns vocábulos por outros, se referindo ao mesmo campo lexical das rezas, que no decorrer do tempo foram se adaptando ao espaço social das rezadeiras da região itabaianense. Na verdade, estudar a tradição oral é estar consciente que não há um texto ou discurso padrão para rezar determinada doença, pois o texto tende a multiplicar-se em suas variantes, embora apresente marcas textuais e linguísticas específicas da doença. As pequenas variações relacionadas ao aspecto linguístico residem no campo lexical morfológico, semântico-discursivo, dependendo da época e do lugar em que foi dita. Sendo assim, serão apresentadas algumas variações ocorridas nas rezas de cura do olhado.

## 2 - MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA REZA DO OLHADO

Indicar as mudanças e permanências de uma tradição é preciso observar determinados contextos que devem estar ligados diretamente a historicidade dos textos e da sociedade. O *olhado* é uma doença conhecida popularmente para se referir a um “mal” que as pessoas são acometidas por admiração em excesso, inveja ou qualquer sentimento negativo contra alguém. Em relação à reza do olhado percebem-se pequenas variações. Primeiramente, a designação da doença é construída a partir da repetição de sinônimos para se referir à doença como quisila, quebrante, quebranto, olho grande, mal olhado, ou seja, o discurso está sempre se referindo a algum mal que alguém provocou sobre o outro.

## Quadro 1

## Variações das expressões para se referir à doença do olho

Expressões portuguesas	Expressões Itabaianenses
tu tens <b>quebranto</b> , dois te puseram, três hão de tirar.	(Fulano) com dois te butaro Com quarto te tirarão Com dois olhos do sinhô Jisui E dois do sinhô são João
Deus te fez Deus te criou Deus tire <b>o mal</b> que no teu corpo entrou	Fulano(cita o nome da pessoa) Deus te fez, Deus te criou e Deus te gênero(gerou)
Que te leve do teu corpo para fora esse malvado <b>quebranto</b> . Lá pras ondas do mar Que ninguém possa apanhar	<b>Quebrante e mal olhado</b> sai de fulano para as ondas do mar sagrado  Sai-te olhado para as ondas do mar sagrado
Tirai este mal, este <b>quebranto</b> do corpo de (fulano)	Tire esta <b>quisila</b> , este quebrante de cima de ti  Pelo seu amor divino
Descubra-me aqui se fulano (nome) tem <b>quebranto</b> Se tiver quebranto Descubra-me nestas três pinguinhas de azeite	– Jesus com que cura, <b>olhado, quebrante, quisila</b> do coipo de fulano – com água da fonte e vassora do monte.

Outra variação refere-se ao lugar onde a doença penetra. Em Portugal, as rezadeiras, para se referir ao lugar onde a doença atinge, são mais específicas do que as encontradas no Brasil. Vejamos:

## Quadro 2

## Variações para se referir ao lugar onde a doença atinge

Em Portugal	No Brasil, em Itabaiana
Nas tuas <b>pernas</b> Na tua <b>barriga</b> No teu <b>estomago</b> No teu <b>coração</b> Nos teus <b>olhos</b> Na tua <b>cabeça</b> No teu interior, fizeram-te mal.	Se for na <b>cabeça</b> , tire-te Santa Tereza, Se for nos <b>braços</b> , tire o Senhor dos Passos, Se for nas <b>costas</b> , tire o Senhor (da orques) Se for no <b>peito</b> tire o Senhor com jeito Se for nas <b>pernas</b> , tire-te Santa Bardanela. Se for na <b>barriga</b> , tire-o Santa Margarida, Se butaram <b>pela frente</b> , valei meu senhor São Bento Se butaram <b>por detrás</b> , valei meu senhor São Brás Se butaram <b>no teu comer, no teu beber, no teu deitar, em teu sorriso, em tua beleza, em tua feiúra, na tua magreza, na tua gordura...</b>

De acordo com os exemplos acima, nota-se que as rezadeiras da região itabaianense, além de referirem aos órgãos e algumas partes de corpo, generalizam através das ações do doente: na comida, na bebida, na forma de sorrir. Apesar da generalização, não deixam de referir-se ao corpo, símbolo que sofre as consequências do mau olho e da inveja.

Outra mudança encontrada nas rezas portuguesas e brasileiras diz respeito às referências aos santos. As variações estão diretamente relacionadas à crença particular de cada rezadeira e ao lugar onde estas rezadeiras desenvolveram suas crenças, como se pode ver nos exemplos abaixo:

### Quadro 3

#### Variações das referências aos santos

Em Portugal	Na região Itabaianense
Valei-te o <b>Senhor dos Aflitos</b> Valei-te a <b>Senhora do Tojo</b> Valei-te o <b>Divino Espírito</b> Valei-te o <b>Santo Sacramento</b> Valei-te Aqui <b>São João</b>	Se butaram pela frente, eu te tiro com's puder de senhor <b>São Vicente</b> Se butaram por detras eu tiro com's puder de senhor <b>São Brás</b> Se foi no riso, no teu falar, no teu olhar, no teu andar, no teu cabelo, na tua esperteza, na tua boniteza, eu tiro com's puder de <b>santa Tereza</b> , Na tua feiúra eu tiro com os puder de <b>Santa Úrsula</b> .

Em Portugal, por exemplo, foram referenciados alguns santos como Senhora do Tojo que não fazem parte da crença brasileira. Nesse aspecto, percebe-se uma ligação da crença e da construção significativa (semântica) das rezadeiras com os santos, relacionando ao fator social e cultural.

A respeito das variações encontradas nas rezas brasileiras em relação às portuguesas, Peter Koch (2007, p. 56) afirma que “a inovação corresponde a um ato individual de criação por um falante, de um eixo linguístico novo”. Para o autor quando um eixo linguístico inovador é adotado por outros falantes da comunidade linguística, este se difunde naquela comunidade, e então podemos chamar de “variação linguística”. Percebe-se nitidamente a partir da transmissão oral das rezas o processo de inovação e variação da tradição. Além da forma como os textos são materializados, os contextos sociais e históricos são fatores decisivos para a proliferação das variedades linguísticas. Nesse aspecto, é comum ouvir das rezadeiras “eu rezo assim” ou “minha reza é diferente dos outros” ou ainda “eu aprendi a rezar assim, mas eu acrescentei algumas

coisas que eu fui aprendendo”. Tais informações confirmam o que Koch nos informa sobre o processo de inovação linguística. É sempre um ato individual instigado pela criatividade do falante que vai provocar um ato linguístico novo e conseqüentemente tende a espalhar entre a comunidade.

Outra diferença semântica perceptível nas culturas portuguesas e brasileiras diz respeito à utilização dos verbos *por* e *haver* na função de verbo principal. No Brasil, o verbo *por* sempre é substituído por *colocar* ou *botar*. Em relação ao verbo *Haver* como é usada em Portugal, no Brasil tal função é transferido para o verbo *tirar*, como se pode comprovar nas rezas:

#### Quadro 4

##### Variação sobre a utilização do verbo *por*

Em Portugal	Na região Itabaianense
Tu tens quebranto, dois te <b>puseram</b> , três <b>hã</b> de tirar.	Com dois te <b>butaram</b> Com quatro eu te <b>tiro</b> Com dois olhos do sinhô Jisui E dois do sinhô são João

Há também algumas variações no vocabulário e expressões utilizadas pelas rezadeiras para se referir ao mesmo campo semântico. Vejamos primeiramente os vocábulos e em seguida as expressões:

#### Quadro 5

##### Variações encontradas no vocabulário da reza do olhado

Designação	Portugal	Na região Itabaianense
Ramo	um ramo de alecrim na mão	<b>vassora</b> do monte <b>galho</b> de ouro <b>ramo</b> na mão
Doença do olhado	Quebranto este mal	quisila, quebrante, olho grande , má vontade Olhar excomungado
Mar	Lá pras ondas do mar	mar sagrado oinda do mar da banda de lá ondas do mar sagrado
Nossa senhora	Virgem mãe da Conceição, Senhora do pranto Mãe do poderoso Deus	virge Maria, Virge soberana, Sinhora, virge Maria,

As variações encontradas na reza do olhado vão desde a palavra para se referir à doença até os elementos simbólicos para curar a doença. Essas variações são fruto dos diferentes

territórios culturais em que as comunidades linguísticas estão inseridas. Bhabha (2003, p.27) enfatiza a interferência da cultura sobre as mudanças de comportamento do indivíduo na sociedade:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um trabalho com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia de novo como um ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um ‘entre - lugar’ contingente que inova e interrompe a atuação do presente.

A variação encontrada nas rezas também é comprovada nas simbologias utilizadas nos rituais de cura: em Portugal, usa-se o azeite e uma bacia com água para saber se a pessoa tem olhado. No Brasil usamos o ramo, símbolo que indica se a pessoa está com a doença. Diferente de Portugal, o ramo só dá a informação da doença no final do ritual, se ele murchar. Essas variações comprovam o quanto os diferentes territórios incidem sobre as significações simbólicas, renovando e refigurando a cada contexto social.

Portanto, foi constatado que contexto social, religioso e histórico, além dos recursos da expressividade das rezadeiras foram fatores determinantes para as variações linguísticas das rezas. Essas variantes encontradas nas rezas são justificadas pelo meio de difusão dos textos que, basicamente oral, apresenta essa predisposição a variação. O que implica dizer que cada rezadeira, embora conheça muito bem as rezas, vai acrescentando ou substituindo determinadas palavras ou expressões por outras que fazem parte de sua realidade e do seu domínio linguístico. Como demonstração dessa disseminação oral, encontramos trechos que se repetem ou foram adaptados em várias rezas do olhado, como podemos ver no quadro abaixo:

#### Quadro 6

#### Variações orais nas rezas portuguesas e itabaianense

Portugal	Rezas Itabaianenses
Santo António se alevantou, seus sapatinhos calçou, <b>com Jesus de encontrou e Ele lhe perguntou:</b> - Onde vais, António? - <b>Vou espalhar esta trovoada.</b> Jesus Cristo lhe perguntou: -Donde vens, Pedro Paulo? -Venho de Roma	<b>Jesus Cristo ia pra Roma</b> Pedro Paulo ele encontrô <b>Pedro pergunta:</b> – Jesus com que cura, olhado, quebrante, quisila do coipo de fulano



–E o que vai por lá? ... <b>–Torna atrás Pedro Paulo          Vai curar esses males</b>	
São Pedro vinha de Roma E a virgem ia pra lá <b>E a virgem lhe procurou:          –Pedro, que vai por lá?          –Muita peste, muita          malina</b>	Aí Jesus... - Anda Pedro! - Não posso Senhor - O que é que tu sente Pedro? - <b>Encontro (fulano) com olhado, quebrante, quisila</b>
	<b>Andou Nossa Senhora com ramo na mão. Perguntei, pra onde tu vai</b> E Nossa Senhora... Curano (fulano) de olhado, quebrante que butarm no teu coipo,
<b>Deus fez, Deus te criou,</b> Deus perdoa a quem mal te olhou	Fulano(cita o nome da pessoa) <b>Deus te fez, Deus te crio e Deus te          gênero(gerou)</b> Tire esta quisila, este quebrante de cima de ti Pelo seu amor divino

No discurso das rezas, percebe-se que há uma circularidade das práticas de cura no período de evangelização, quando Jesus e os discípulos saíam curando e ajudando as pessoas no que mais almejavam. Através do quadro, constatamos o quanto o texto oral é capaz de multiplicar-se a adaptar-se ao universo discursivo dos interlocutores, o que nos remete ao que Kabatek (2006) chama de *evocação* – as repetições das rezas vão sendo adaptadas às situações dos falantes, onde estes puderam acrescentar ou retirar parte do acervo lexical. Assim, a construção discursiva do falante estará diretamente relacionada à situação concreta em que o falante se encontra. Oesterreicher (2006, p.4) acredita que “emissor e receptor estão envolvidos em campos dêiticos pessoais, espaciais e temporais, em determinados contextos e determinadas condições emocionais e sociais”. Para o autor, todas essas instancias e fatores da comunicação linguística são possibilidades de variação. As interferências individuais e emocionais das rezadeiras também foram decisivas na construção discursiva das rezas itabaianenses. Sobre a marca da oralidade na tradição das rezas, Zumthor (1993 p.144) diz que a tradição, quando a voz é seu instrumento, é também por natureza, o domínio da variante. Segundo Simões (2007) é preciso ter em mente que os gêneros textuais seguem uma determinada tradição discursiva, ou seja, há uma repetição da tradição, mas também estão sujeitos a inovações e variações. Nesse aspecto o autor enfatiza que Repetição (tradição) e Inovação (liberdade/criatividade) podem andar lado a lado num mesmo documento ou conjunto de textos.

Sobre as variações orais itabaianenses, são visíveis incidências na falhas de concordância, consequência da pouca escolarização e nível social das rezadeiras. Para Scherre (2004, p. 234) a diferença básica entre brasileiros e portugueses e entre brasileiros mais escolarizados e menos escolarizados, principalmente na fala, está na quantidade de concordâncias que deixam de ser feitas. Estudos de variação linguística apontam algumas causas para a falta de concordância, dentre elas destacam-se o grau de escolaridade e o fator idade. Por outro lado há de notar que as variações de concordância não ficam restritas às pessoas menos escolarizadas. Lucchesi (2004, p. 82) deixa claro que as variações de concordância verbal e nominal só atingem níveis significativos na fala das pessoas escolarizadas nas situações informais de interação verbal. Para o autor, essa variação diafásica, se referindo à concordância, é bastante reduzida na fala popular, podendo mesmo não ocorrer nas comunidades rurais mais isoladas, onde as marcas de concordância nominal e verbal estão praticamente ausentes em todos os registros da fala dos seus membros. Sobre o fator idade, Lucchesi informa que estudos empíricos apontam para a aplicação de regras de concordância sobre os mais jovens. Os estudos comprovam que os mais velhos fazem menos uso das regras de concordância do que os mais jovens. O que é interessante mencionar sobre a tradição das rezas é a maneira como as expressões populares brasileiras ainda conservam traços do falar português arcaico como o uso de algumas expressões como arretirar, detrás, entô, alevantai, hei de te curar. Vejamos alguns exemplos:

#### Quadro 7

##### Expressões de conservação do português arcaico

Rezas itabaianenses
Andou Nossa Senhora com ramo na mão Preguntei, pra onde <b>tu vai</b> E Nossa Senhora... Curano (fulano) de olhado, quebrante que butaro no teu coipo, No teu comé, no teu tamanho, na tua espeteza, no teu trabai... Seja arretirado todo mal que tivé no coipo de (fulano)
Faz o sinal da cruz... Fulano quem foi que butô Olhado, quisila e quebrante Porque <b>não me dissesse</b> Com dois te butaro Com três eu tiro Com os pudê de Deus e da virge Maria Reza o Pai Nosso, Ave Maria

Quanto à estrutura textual, algumas mudanças aconteceram no Brasil em relação à estrutura portuguesa. Nas rezas portuguesas encontramos a *invocação*, o primeiro momento do ritual e as fórmulas mágicas, ou seja, a reza específica da doença. O que não é diferente do que constatamos no Brasil onde primeiramente a rezadeira se benze – faz o sinal da cruz - a *invocação*, depois recita a fórmula mágica, característica de cada doença, e termina rezando ou o Pai Nosso, Ave Maria e o Credo. No entanto, a mudança ocorrida nas rezas brasileiras foi o acréscimo da última etapa do ritual, o Oferecimento. Encontramos rezadeiras oferecendo a reza a algum Santo ou as Três Pessoas da Santíssima Trindade, o que marca a influência do cristianismo sobre a vida religiosa dos brasileiros.

#### Quadro 8

#### Mudanças estruturais nas rezas do olhado

Portugal	Região Itabaianense
<p><b>Em nome do Pai, Filho e Espírito Santo (benzer)</b></p> <p>(nome da pessoa) tu tens quebranto, dois te puseram, três não de tirar.</p> <p>De onde este mal veio para lá torne a voltar.</p> <p>Em nome das três pessoas da Santíssima Trindade (benzer) que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ámen.</p> <p>XX</p>	<p><b>Faz o sinal da cruz...</b></p> <p>Com dois ti butaro</p> <p>Com três eu ti tiro</p> <p>Com as palavras de Deus e da Virge Maria</p> <p>Quebrante e mal olhado sai de fulano para as ondas do mar sagrado</p> <p>Se butaro no teu corpo, na tua comida, na tua esperteza</p> <p>Sai-te olhado para as ondas do mar sagrado</p> <p>Eu te curo com o Pai Nosso, a Ave-Maria e a Santa Maria ( Repete três vezes)</p> <p>Jesus é nascido, nascido da virge Maria verdade e curai (fulano) Jesus, Maria e Jusé.</p> <p>...Reza três Pai-Nosso, três Ave-Maria e três Santa-Maria</p> <p><b>Oferecimento</b></p> <p>Oferece ao nosso Senhor Jesus Cristo</p>

Por outro lado, encontramos rezas portuguesas contendo apenas a fórmula mágica, sem haver o primeiro momento do ritual, a invocação, como pode ver:

## Quadro 9

## Mudanças estruturais nas rezas do olhado

Portugal	Região Itabaianense
<p>xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx</p> <p>Conforme é certo nascer O menino de Deus em Belém Assim seja certo tirar o quebranto Mal olhado ou mal de inveja, ou todo mal atravessado Se (fulano) o tem Vá tudo para o mar salgado</p> <p>xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx</p>	<p><b>Invocação - Faz o sinal da cruz...</b></p> <p>Com dois ti butaro Com três eu ti tiro Com as palavras de Deus e da Virge Maria Quebrante e mal olhado sai de fulano para as ondas do mar sagrado Se butaro no teu corpo, na tua comida, na tua esperteza Sai-te olhado para as ondas do mar sagrado Eu te curo com o Pai Nosso, a Ave-Maria e a Santa Maria ( Repete três vezes) Jesus é nascido, nascido da virge Maria verdade e curai (fulano) Jesus, Maria e José. ...Reza três Pai-Nosso, três Ave-Maria e três Santa-Maria</p> <p><b>Oferecimento</b></p> <p>Oferece ao nosso Senhor Jesus Cristo ( repete 5x)</p>

Sobre as mudanças ocorridas na estrutura textual das rezas, Rogríguez (2008, p.201) afirma:

Em qualquer processo de textualização, a criação de um ato comunicativo passa pelo filtro das TDs; da mesma forma, as reescritas textuais de um discurso supõe um processo de retextualização, que implica manipulação e adaptação da língua ou conteúdo de um texto a um novo propósito, a um novo projeto, a um novo cenário social ou histórico.

Nas rezas brasileiras, as estruturas acrescentadas fazem parte do contexto social e histórico que são proeminentes do catolicismo. O fato das rezadeiras também fazerem uso das rezas do Catolicismo é o que Simões chama de Interdiscursividade. Dessa forma, Simões (2007) atenta para a interdiscursividade na Tradição Discursiva ao afirmar que:

A *interdiscursividade* refere-se à retomada da estrutura fundamental de determinados tipos de textos, ou seja, um discurso, um tipo de enunciado específico que aparece em uma ou mais tradições discursivas. Daí dizer-se que certas estruturas linguísticas pertencem a um determinado estilo ou corrente.

No caso das rezas, a interdiscursividade acontece a partir da introdução de orações típicas do Catolicismo, como Ave Maria, Pai Nosso, Gloria ao Pai, e referência aos santos locais,

ao discurso das rezas populares. O traspasse dos discursos religiosos – reza-se tanto a fórmula da tradição popular como as rezas do Catolicismo – é uma marca das mudanças presente na tradição das rezas brasileiras. Tal afirmação implica dizer que como a tradição das rezas populares se fundiu aqui no Brasil, conseqüentemente foi absorvida as marcas do Catolicismo, cujos traços tiveram que se adaptarem às rezas populares.

Sobre os traços de conservação dos elementos textuais e linguísticos das rezas, observamos que os discursos das rezas populares e as formas de proceder os eventos de cura tiveram pouca mudança. Continuam nas rezas:

- Referência à doença

Faz o sinal da cruz...  
Com dois te butaro  
Com três eu te curo  
De **quebrante, quisila, quisano**, olhado e espanto,  
Olhar excomungado de sortêro ou de casado, amancebado

- Referência aos santos

Andava **Santa Tereza** com o galho de ouro na mão  
Tirano quisila, quebrante, olho grande e má vontade e assim seja

- Destino da doença – as ondas do mar sagrado

Se arretire desse coipo pras onda **do mar sagrado**,

- Os símbolos usados para tratar a doença

Andou Nossa Senhora com **ramo na mão**  
Preguntei, pra onde tu vai  
E Nossa Senhora...  
Curano (fulano) de olhado, quebrante que butaro no teu coipo,

- Uso de expressões imperativas

Seja livrado e guardado da maldade e da inveja da ambição e de todos os males, todos os mal, amém.  
...reza o pai Nosso Ave-Maria (repete 3x)  
**Oferece** a Nosso Senhor Jesus cristo

- Predominância do discurso na 2ª pessoa do singular ou do plural

**Tu** seja curado, com'os pude de Deus Pai, Deus Filho e Deus espírito Santo  
Que Jesus te guarde teu coração e cubra com teu santo manto e guarde você no seu coração

No discurso das rezas permanecem algumas expressões portuguesas que evidenciam a conservação linguística religiosa perante séculos de transmissão.

- Expressões do português arcaico que desencadeou expressões da oralidade popular brasileira

Seja **arretirado** todo mal que tivé no coipo de (fulano)

- As formas de tratamento da doença ainda continuam vivas nos discursos das rezas, as águas das fontes e os ramos dos montes continuam fazendo parte do discurso religioso das rezas populares.

#### Água das fontes

#### Ervas dos montes

No contexto histórico do século passado, a água e o ramo pertenciam ao discurso linguístico-religioso, como simbologia sagrada do catolicismo, tendo uma representação simbólica. Em relação à água, para a Tradição Cristã, é elemento mágico e sagrado por ser o símbolo curador da vida. Até o século XIX, a água das fontes era bastante utilizada tanto para uso doméstico quanto para as práticas mágicas pelo seu valor significativo. Nos dias de hoje, a água não faz parte do contexto social e cultural das rezadeiras, mas continua presente em seus discursos. Mesmo não tendo representação significativa as rezadeiras continuam repetindo as rezas conforme o que a tradição ensina. A justificativa para a permanência desses elementos simbólicos reside na conservação religiosa da tradição como também na forte influência do Catolicismo, por manter viva a representação desses elementos em suas vidas. O mesmo acontece com os ramos dos montes, onde, a própria tradição buscou na medicina popular e na natureza as plantas para substituírem os ramos sagrados usados pelo povo Judeu para receberem o Cristo.

## CONCLUSÃO

Contudo, o contexto social, histórico e as diferentes situações discursivas das rezadeiras foram elementos determinantes para as adaptações, e conseqüentemente para as variações linguísticas que compõe as rezas populares de cura da região itabaianense. A partir das entrevistas com as rezadeiras itabaianenses e com a exposição das rezas tradicionais portuguesas que as variações linguísticas das rezas brasileiras sobre as portuguesas incidiram no eixo da

oralidade, através das formas individuais e próprias das rezadeiras de praticarem seus discursos religiosos as rezas e do aparelho simbólico. Em relação à construção textual e discursiva das rezas, constatou-se que as rezas ou qualquer outro texto de cunho oral podem ser comparados a um imenso tapete de tecido, confeccionado com retalhos, cujos pedaços de pano representam as pequenas estruturas que vão compondo todo o texto. É assim que acontecem com as rezas, as pequenas expressões da tradição são adaptadas e às vezes reinventadas pelas rezadeiras, que ao ensinarem à outra pessoa buscam uma maneira própria de rezar. Dessa forma, as rezas passam a serem “únicas”, embora esteja presa a tradição e apresente características próprias para se referir à doença específica.

## REFERENCIAS

COSERIU, Eugênio. “*Sistema, norma e fala.*” In: Teoria da Linguagem e Linguística Geral. Rio de Janeiro: Presença, 1979

KOCH, Peter. *Tradiciones Discursivas y cambio lingüístico: El ejemplo Del tratamiento vuestra merced en español.* In: Johannes Kabatek. Sintaxis histórica Del español y cambio Lingüístico: Nuevas perspectiva desde as Tradições Discursivas. Madrid: Iberoamericana, 2008.

KOCH, Peter/ OESTERREICHER, Wulf [1990] (2007). “*Oralidad y escrituralidad a la luz de la teoría delm language*”. In : Lengua hablada en la Romania: espanõl, francés, italiano. Madrid: Gredos ( material digitado na tradução de Araceli Lopes Serena.

KABATEK, Johannes. “*Cómo investigar las tradiciones discursivas medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos.* In Daniel Jacob/ Johannes Kabatek. Lengua Medieval y tradiciones discursivas en la Península Iberica. Frankfurt am Main: Verveurt/ Madrid: Iberoamericana, 2001.

\_\_\_\_\_ *Tradições Discursivas e Variações Linguísticas*, 2004.

\_\_\_\_\_ *Tradições Discursivas na história*, 2006.

OESTERREICHER, Wulf. *Autonomización del texto y recontextualización. Dos problemas fundamentales de las ciencias del texto.* Mimeo, 1999.

\_\_\_\_\_ *Lo hablado en lo escrito. Reflexiones metodológicas y aproximación a una tipología.* IN: *El español hablado y la cultura oral en España e Hispanoamérica.* KOTSCHI, Thomas, OESTERREICHER, Wulf e ZIMMERMANN (eds). Frankfurt am Main: Verveurt; Madrid: Iberoamericana, 1996.

SIMÕES, José da Silva & KEWITZ, Verena. Tradições Discursivas e organização do corpora. In: Vanderci Aguilera (Org.) *.Para a História do português brasileiro, VI seminário do PHPB*. 2007. \_\_\_\_\_ Normas Linguísticas, história social, contatos linguísticos e tradições Discursivas: transformando encruzilhadas em novos caminhos para a constituição de *corpora* diacrônicos.

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz*. [Tradução: Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira]. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.